



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



||| POR FERNANDA DE MATOS E SILVA - DYNETTE |||

U MA voz doce de mulher, ouviu-se recomendando:
— «Carlitos não vás a correr pelas ruas, tem cuidado com os automóveis, filho!»
— «Sim, mãezinha!» gritou o filho com impaciência, enquanto descia, a quatro e quatro, os degraus da longa escadaria.
No vestibulo, um condiscipulo esperava-o para seguirem juntos para o liceu onde estudavam e foi com um ar de profundo mau humor que o pequeno desabafou com o amigo:

— «Que maçada isto de ter que aturar recomendações a todas as horas. Estou farto disto, parece que sou sempre um bebé que não sabe andar na rua!»

O amigo sorriu-se com um gesto de superior desdém, comentando as ridículas pieguices das *mamas*, como eles diziam acentuando a frase, e, a troçar, seguiram o seu caminho apressadamente.

No entanto, na janela da casa onde Carlitos morava com os pais, alguém o seguia amorosamente com o olhar; era uma mulher de rosto belo e juvenil, cuja expressão de ternura quasi divinizada as feições delicadas e correctas.

Com um fundo suspiro de melancolia, a mãe de Carlitos, (pois era ela), retirou-se da janela, mal viu sumir-se ao longe a figurita gentil do filho, e, com a fronte enrugada e o olhar velado em triste cogitação, foi sentar-se junto a uma mezinha de costura, onde o seu trabalho a esperava já entreaberto.

Mentalmente viu surgir dentre as brumas esfumadas dum passado próximo ainda, a visão de um berço fofo e lindo, onde um loiro bebé sorria, os olhos, como chamazinhas brilhantes, luzindo de alegria, enquanto duas mãozitas fechadas e cor e rosa se estendiam e agitavam ao vê-la chegar; depois, transformou-se o gracioso *bambino* em boneco animado de longos canudos cor de ouro fulvo, emoldurando um rosto gentil e vivo, que se animava ao soletrar as primeiras palavras; e, assim, pouco a pouco, Carlitos de bebe aos quadrinhos, de calções, com o primeiro fato à marinheira, foi surgindo ante a sua recordação até se fixar na figura actual, a de um garoto traquinas e inteligente de doze anos.

Carlitos não era mau, sabia-o, adivinhava-o o seu coração de mãe, mas, como quasi todas as crianças muito amadas e queridas, tinha os defeitos gravissimos do egoismo e ingratição. Acostumado, desde pequenino, a ver



atendidos todos os seus pedidos, a ser o alvo de todas as atenções, todos os disvelos, achava-os naturais, quasi obrigatórios e nas suas palavras, na sua attitude arrogante e desdenhosa, mostrava muitas vezes o seu egoismo desmedido.

A mãe desculpara-o sempre, perdoara-lhe sempre os inúmeros pecadilhos, encobrindo do pai a maior parte dos erros e culpas praticadas por ele, mas, convencida de que andara mal apesar de todo o seu amor, prometeu emendar-se dum excesso de ternura que poderia ser fatal a seu filho.

Notara, com desgosto, que em vez de serem compreendidos os seus extremos de amor, Carlitos parecia aborrecer-se com as suas caricias, irritar-se com os seus cuidados, insurgir-se contra os conselhos que, do melhor do seu cora-

ção, tentava transmitir ao filho, com os bons ensinamentos que deveriam combater-lhe os defeitos e apertear-lhe as boas qualidades. E desde que Carlitos entrara no liceu, ainda se acentuara mais esta mudança; em vez das meiguices que dantes fazia a sua mãe, tratava-a agora, quasi com indiferença, falando-lhe com ar superior e respondendo, quasi desabridamente, as perguntas que esta lhe dirigia, mantendo, apenas, a estrita delicadeza com que estava acostumado desde pequenino a tratar toda a gente. A mãe de Carlitos ficou pensativa, olhos embaciados de lágrimas perdidas ao longe, nessa rua chuch onde se sumira a figurita graciosa e bela do filho tão injusto mas tão querido, e no seu meigo coração, verdadeiro escriptorio de bondade, começou a elaborar, cuidadosamente, a defesa do culpado.

*
* *

Passaram-se alguns meses. No escritório mobiliado severamente de pau santo, reinava o silêncio pesado e triste dos momentos solenes.

Sentado na cadeira de espaldar, fronte enrugada e carregada, sombria, o pai de Carlitos falava pausadamente, o bôca severa, o gesto firme de quem tomou uma resolução inabalável.

Sentada perto, sua mulher escutava-o, o rosto transmutado pela dôr, trémula e chorosa mas denotando tôdo o seu semblante, inteligente e bom, a resignação de quem se submete a uma cousa que é justa, e nem uma palavra de súplica se lhe escapou dos lábios ao ouvir a voz do marido declarar:

— «O pequeno entra amanhã no Colégio Modelar. É necessário dar-lhe esta lição para que encare a vida como deve, e cumpra, também, com os seus deveres para contigo»



— «E' tão novo, coitado! Talvez um pouco inexperiente, mas isso é natural da sua pouca idade!» defendeu a mãe em voz tímida.

— «Tem paciência, filha, mas, desta vez, tenho de ser inexorável. O Carlos tem, talvez, boas qualidades, mas, como não é perfeito, tem grandes defeitos que mais tarde se podem transformar em irremediáveis taras. É um verdadeiro crime deixar que se arriquem nêle o egoísmo e a ingratidão que o nosso culpado amor não soube reprimir a tempo».

A mãe baixou a cabeça e no seu rosto espalhou-se uma



nuvem de tristeza, mas não teve coragem para responder, na certeza de que, mais uma vez, o marido tinha razão.

— «E' por pouco tempo, Maria Clara, apenas dois ou três meses, o tempo suficiente para que o pequeno compreenda que é preciso estudar com vontade e sinta a falta das carícias que hoje lhe parecem excessivas. Vai fazer-nos muita falta, é verdade, mas mais tarde abençoaremos a resolução que hoje nos custa tanto a tomar, acredita».

*
* *

No dia seguinte a esta conversa, Carlitos entrou, como interno, no Colégio Modelar, após uma conversa com seu pai que lhe deu, mais uma vez, os seus conselhos e lhe ditou o caminho a seguir para voltar cedo para casa.

A mãe, que se despedia dêle sempre com extremos de ternura, mostrou-se calma e fria como se achasse natural aquela longa separação, e pela primeira vez o pequeno sentiu que qualquer cousa lhe apertava desagradavelmente o coração.

No colégio foi acolhido com bondade pelo director que lhe falou amigavelmente, como se ele já fôsse um homem e Carlitos ficou vaidoso com aquela consideração. Os condiscipulos rodearam-no de curiosidade, de cordial intimidade, mas, passadas horas, nessa mesma tarde, foi o alvo de troças e partidas e a alcunha de «Carloiro loiro» veio substituir o seu verdadeiro nome.

Carlitos riu a princípio mas afinou quando se viu chasqueado por todos os companheiros de estudo, empurração, quasi maltratado no entusiasmo da brincadeira, pois era o mais novo e fraco entre os condiscipulos, quasi uns homens ao pé dêle.

Para não se mostrar piégas teve de engulir as lágrimas de dor e de raiva impotente, e pensou como a sua vida seria diferente daí em diante, nessa atmosfera tão diversa daquela em que fôra habituado a viver.

Depois do jantar, as aulas pareceram-lhe odiosas, a sala enorme da aula, fria e soturna, sem a luz do sol a animá-la, e a lembrança da casa voltou-lhe outra vez, recordando os seus serões alegres e divertidos, ouvindo contar histórias e aventuras, e construindo guindastes, pontes, cousas curiosíssimas e engraçadas que, com o pai, edificava com o auxilio da sua caixa de construções.

E mais uma vez uma dolorosa contracção, uma sensação de isolamento lhe apertou o coração.

(Continua na pagina 4)

A menina e o cão

Por J. L. PATRÍCIO

Venho contar uma história aos bebês mais pequeninos; prometem ouvir atentos, não é verdade, meninos?!

Vamos ao conto: — Houve, um dia, num país muito distante, uma menina que tinha um cãozinho, o «Diamante».

Era este o lindo nome desse cão, seu favorito, mas andava, a toda a hora, puxando-o pelo rabito.

Paciente, o pobre cão sofria o mau tratamento da menina que, travessa, ria de contentamento.

Foram brincar, uma vez, para o pé duma ribeira.

E querem saber que fez aquela grande brejeira?!

Pegou no seu «Diamante», pela cauda e o atirou, à água, mas Deus que é justo, ali mesmo a castigou.

Era má?! Foi castigada por falta de compaixão: — Caiu; também, e morria se não fôra o pobre cão

que vendo sua dona em perigo, esqueceu a travessura! Como sabia nadar, salva-a com toda a ternura.

Avaliai, meus meninos, quanto foi bom o cãozinho,



— Tratai, sempre, os animais com bondade e com carinho!

O CONTRABANDISTA N.º 13

FOLHETIM DO PIM-PAM-PUM, por Mateus Junior

(Continuação do numero anterior)

Alberto passou-a mal, sem pregar olho, sempre pensando no crime de que era acusado e que, afinal, não cometera. Por vezes, o seu olhar, errando pelo cárcere, fixava-se na janela, olhando a luz pálida das longínquas estrelas.

A luz do dia veio, por fim, dissipar a treva que invadia a prisão e a alma do prisioneiro.

Tudo era alegria. O sol começou subindo no firmamento, enquanto os passarinhos entoavam os seus hinos de alegria e liberdade.

Liberdade! Liberdade! — murmurava o preso, suspirando.

Estava engolfado nêstes pensamentos, quando uma voz juvenil e cristalina entoou uma alegre canção, uma dessas canções cheias de vida, daquela graça que caracteriza as quadras populares. Insensivelmente aproximou-se da janela gradeada, encostando, docemente a cabeça aos varões do trio ferro e ficou, longo tempo, contemplando tão matinal cantadeira que se entretinha a estender roupa.

Maria Rosa, a filha do carcereiro, era uma moçoila de lábios da cor da romã



e de cabelos e olhos negros. Era a maior beldade das primeiras dez léguas em redor, trazendo presas no cárcere de seu coração muitas almas apaixonadas de ternos namorados.

Muitos tinham sido audazes nas suas investidas amorosas. Mas ela sempre regeitara tais pretendentes, pois não encontrara, ainda, aquele a quem desse o coração.

Sempre cantando, a desfiar um rosário de lindas canções, dirigiu-se para os seus canteiros, onde brotavam as mais lindas flores, as hortensias, os cravos, as saudades e os odorantes mangleiros...

Maria colheu, então, uma pernada destes últimos e, levando-a ao nariz, aspirou, com delícia, o seu perfume.

— «Adeus lindo rouxinol!...» disse o contrabandista que, por momentos, esquecera as suas mágoas.

O «lindo rouxinol» por pouco não perdeu a fala.

Mas o prisioneiro logo a tranquilizou, pedindo-lhe uma flor, uma «saudade», para juntar às que já tinha da liberdade. O tempo passava demoradamente.

Após uma aurora, outra aurora raiava. Maria e Alberto falavam-se todos os dias, o que amenizava bastante o duro cativeiro.

Um dia, a gentil moçoila perguntou a Alberto: — «Não é verdadeira a acusação que pesa sobre a sua cabeça, po-não?»

— Não, não, Maria! Sou vítima duma calúnia, duma acusação injusta.

Estou tão inocente como a menina Maria.

Um dia cai nas malhas da fatalidade e a desgraça persegue-me».

Passaram dias e, desde então, a amizade entre ambos cresceu.

Uma noite, estava êle deitado na sua magra enxerga quando umas pancadinhas, ao de leve, se ouviram.

Levantou-se com precaução e, diri-

O AMÔR DE MÃE



(Continuado da pagina 2)

to suas lágrimas quentes como lume lhe escorregavam pelas faces ardentes: — «Mãe!»

Já na sua caminha branca de ferro, na vastidão da imensa camarata imersa em pesadas trevas, Carlitos cedeu a tristeza que o invadira tódo o dia ao relembrar a ternura com que a mãe o vinha beijar tódas as noites, antes d'ele adormecer e não podendo reagir por mais tempo, o coração pulsando-lhe doidamente, murmurou em voz baixa, enquan-

Passaram-se dias e semanas e, embora Carlitos não quizesse confessá-lo, sentia-se arrependido da sua preguiça que obrigara o pai a ser tão severo após ter perdido o primeiro periodo no liceu.

gindo-se para a porta, espreitou pelo ralo.

Viu a filha do carcereiro que ali estava, pronta a socorrê-lo.

— Alberto, aqui tem esta lima, corte os varões e fuja — disse ela com voz comovida.

— Não, Maria! Para que quero eu a liberdade, se vivo feliz junto de si?

E assim começou o amor d'estes dois entes que se compreendiam ás mil maravilhas.

IV

O dia do julgamento chegou, por fim. Era um d'esses dias pardos de inverno, cheio de nuvens da côr do chumbo.

O prisioneiro, escoltado por dois guardas, chegou ao tribunal que regorgitava de curiosos, ávidos de presenciar tão sensacional julgamento.

Após um breve mas profundo silêncio, começou a audiência.

A fatalidade, mais uma vez, perseguia Alberto.

A sentença ia ser lida e era desfavorável ao réu.

Na sala produziu-se um rumor surdo de pessoas que se mexiam e um homem mal escarado, avançou para a bancada do réu.

— Senhores jurados, condenais um inocente!

Hoje, em presença desta alma sofridora, confesso o meu crime!

Fui eu, o *Pê leve*, quem matou o guarda.

Não posso resistir ao remorso que me me tortura.

Estou pronto a expiar os meus crimes! — E deixou-se cair, ofegante, numa cadeira.

V

Alberto, cumpridas todas as formalidades legais, saiu em liberdade.

Cá fora, esperava-o uma multidão alegre e delirante que o aclamou em compensação dos apupos que, antes, lhe dirigira.



E' assim a psicologia das multidões. Alberto, passado pouco tempo pediu a mão de Maria, a qual ficou radiante.

Determinou-se o dia do casamento, que chegou por fim, com grande impaciência dos noivos.

Foi uma cerimônia tocante de graça e simplicidade.

Consuelo o quando soube do casamento, invejou a sorte da noiva, mas, de bom coração, fez votos pela felicidade daquele que sempre amara.

Hoje vivem, Alberto e sua esposa, rodeados de filhinhos, numa quinta, como reendeiros, e sentem-se imensamente felizes.

Nas noites longas de inverno em que a chuva fustiga os magros rostos dos errantes caminheiros, Alberto conta a seus filhos as peripécias da vida nómada dum contrabandista que usara o número 13 e que só fôra feliz quando encontrou um anjo a quem deu o coração.

VI

A associação dos contrabandistas, logo após a prisão do seu chefe, desmanchou-se, tendo alguns dos seus elementos, sido presos pelos crimes e roubos que pesavam nas suas consciências e hoje gemem nos cárceres, ruídos pelo sofrimento atroz do remorso.

FIM

A disciplina fria do colégio não se assemelhava em nada à bondade e confiança que seus pais depositavam nele e, apesar da maneira como era tratado pelo director e pelos professores, via que grande diferença medeava entre a solicitude calma destes e o amor extremoso dos pais que sem cessar o animavam.

Um dia sentiu-se indisposto, após o almoço e fortes dores de cabeça o assaltaram, impossibilitando-o de estudar. Queixou-se inutilmente durante a aula sem ser atendido pelo professor que julgou que ele não estudara a lição, como muitas vezes sucedia, e foi, depois de sofrer horas de febre exaltante e de terríveis dores na cabeça e no peito, que o director o mandou para a enfermaria.

Carlitos foi examinado pelo médico do Colégio, passadas algumas horas de angústia e este declarou que uma pneumonia estava iminente.

Horas e horas o pobre pequeno lutou com as dores e a sede, perdido na imensidade da sala da enfermaria deserta, sem que uma criada, ou o enfermeiro lhe dessem um copo de água ou lhe dirigissem uma palavra de conforto. Carlitos soluçava baixinho, cheio de terror, chamando em voz rouca e abafada pelos pais, pedindo em altos gritos que os chamassem antes de morrer.

Depois, uma confusão enorme baralhou-lhe as ideias, um tumulto aflitivo em que os mais espantosos ruídos lhe feriam os tímpanos e lhe crivavam o corpo de insuportáveis dores.

Após esses confusos momentos que tanto poderiam ter sido minutos como horas, foi o vácuo, o aniquilamento, o Nada, arrebatando-o à consciência da vida por longo tempo.

Numa madrugada pálida e triste de inverno, um sol friorento e debil, acordando apenas das brumas da noite,



— «Mãezinha!... Mãezinha!...»

Mas, milagre subito, quando pensava ouvir apenas o eco responder à sua aflicção, com um triste arremedo, a doçura dum beijo, aflorando-lhe a testa, fê-lo abrir desmedidamente os olhos.

O rosto terno e sorridente da mãe, espreitava, cuidadosamente, o seu, enquanto a voz querida e doce perguntou:

— «Estás melhorzinho? Não te doi nada?»

Mas teve de apertar de encontro ao coração o corpo debil de Carlitos, tremulo de comoção, chorando convulsivamente, coração lavado de egoísmo e cheio, a transbordar, de doce gratidão.

Quando acalmou perguntou pelo pai, mas este, como se o ouvisse, entrou em bicos dos pés, como temendo acordá-lo. Abraços e beijos, frases carinhosas e ternas, perguntas e respostas sem fim e Carlitos ficou sabendo que estivera quinze dias entre a vida e a morte e que, daí a poucos dias, seria levado para casa, logo que pudesse agüentar a viagem de automóvel.

Os pais tinham-no velado durante toda a doença, e nem de noite nem de dia tinham deixado de o acompanhar e tratar, sem um desfalecimento.

Carlitos pediu-lhes perdão dos seus erros passados, jurou ser, daí em diante, um bom estudante e seguir todos os conselhos de seus pais a quem prometeu amar e respeitar melhor do que o fizera até aí.

Carlitos despertou para a vida e para a inteligência. Os seus olhos espantados perscrutaram em redor como tentando reconhecer os objectos que o cercavam e uma lenta gymnástica de inteligência levou-o à compreensão das cousas e, com terror, viu-se na imensa enfermaria onde tanto padecera.

Recordou-se da sua aflicção passada, do seu isolamento e toda a sua angústia recrudesciu com a lembrança dos pais tão bons, tão justos e, sobretudo (oh, sobretudo) teve saudades da meiga ternura da mãe, dos seus carinhosos cuidados quando estava doente, dos seus mimos. Compreendeu, emfim, que o que tomara por piéguices ridículas, o que chamara desdenhosamente: *maçadas*, não era mais do que amor de mãe, em toda a sua grandiosa beleza, deicada meiguice, amor que nunca conseguiria igualar nem pagar com toda a sua afeição.

Uma onda de arrependimento, tomou-lhe de assalto o coração e, sem poder conter o seu enorme sofrimento, gritou em voz repassada de dôr:

*
* * *

Passaram-se anos, Carlos é um rapaz sensato e estudioso, um amigo e admirador fervoroso de seu Pai e não se envergonha de receber de sua Mãe conselhos e carícias, embora, já há muito, o buço lhe ensombre o rosto e possa em breve ser tratado por «sr. doutor».

O amor das mães é de tal forma sagrado e imenso que, por muito que as amemos, nunca lhes poderemos pagar tudo o que por nós sofrem e sacrificam.

===== FIM =====

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

Concorrentes que por lapso não foram incluídos no número daqueles com direito ao sorteio das seguintes séries.

SÉRIES DE VI A X

Vencedor, Micles de Tricles, Aramis, Olho de Lince, e Delina Pitorra.

SÉRIES DE VII A XI

Vencedor, Micles de Tricles, Aramis e Olho de Lince.

Concorrentes com direito ao sorteio, vencedores das séries VIII a XII — Agula Trancosana, Anibal Ortiz Martins, Aramiz, Andorinha, Arsenio Lupin, Antero dos Santos Ribeiro, Alfredo Lopes Cascals, Antonio Belo Bicker, Bé, Bernardina M. Meneses, Babeta, Barlanecas, M. Meneses, Babeta, Barlanecas, Cochico, D. João, D. Pericles, Diabrete, Desportista, Detective Amador, Dr. Planaca, D. Quixote, D. Quixote I, Ego, El-Magrito, El-Diablo, Edith Mary, Fidalgo dos Santos, F. de Ravachol, Gimbrinha, Hellos, H. Moniz, Izabel Maria, José Hespanha, J. B. Campina J.º, Joaquim Mesquita, João Lourenço, Campeão, Kalfa, Largaixa Nervosa, Lita, Manecas de St.º Amaro, Mascote, Morgan, Necas, micles de Tricles, Nando Januario, Olho de Lince, Perdigota de Entre-Campos, Pica-pau, Rigoleta, Salolo, Texas Jack, Tininha Sobral, Um Obidense, Vencedor, Ziul, Zé Quitolas, Zeca, Homem Macaco.

Concorrentes com direito ao sorteio, vencedores das séries IX a XIII — Agula Trancosana, Anibal Ortiz Martins, Aramiz, Andorinha, Antonio Barros, Arsenio Lupin, Antero dos Santos Ribeiro, Alfredo Lopes Cascals, Antonio Belo Bicker, Alexandra, Bé, Bernardina M. Meneses, Babeta, Barlanecas, Babo-Babinho, Caça e Nico, Cochico, C. Redondo, D. Rufa, D. João, D. Pericles, Diabrete, Desportista, Detective Amador, Dr. Planaca, D. Quixote, D. Quixote I, Ego, El-Gordo, El-Magrito, El-Diablo, El-Magro, Edith Mary, Eduardo Santos, F. de Ravachol, Guida, Hellos, H. Moniz, Homem Macaco, Ivo Parrusco, Izabel Maria, José Hespanha, J. B. Campina J.º, Jorge Carlos Carvacho, Joaquim Mesquita, João Lourenço, José Maria Campeão, Kalfa, Largaixa Nervosa, Lita, Mascote, Morgan, Mario José Mimoso, Mariamella, Maker of Charades, Martus, Nita Mendes Chaves, Nando Januario, Nicolau, Olho de Lince, Perdigota de Entre-Campos, Patachon, Pica-pau, Ponto e Virguia, Quimané, Rei da Vivacidade, Renato P. Silva, Rigoleta, Sofia Pedro, Sancho Pança, Salolo, Texas Jack, Tordesco da Beira, Tininha Sobral, Tic-Tac, Um Obidense, Um dos Doze, Vencedor, Velha Peralta, William, Ziul, Zé Quitolas, Zé Fanfarrao.

Pedimos a todos estes concorrentes que nos enviem com a possível brevidade o seu retrato, indicando-nos ao mesmo tempo o seu nome e morada. No próximo número daremos o resultado do sorteio das series VI a X, VII a XI, VIII a XII e IX a XIII.

XV Série

CHARADAS EM FRASE

- 1.ª — Nota que a nota tem um *estilo harmonioso*. 1-1
Vidalegre
- 2.ª — Parece mentira que cabelo branco na prisão saísse por esta porta. 1-2
Zé Nabica
- 3.ª — Nota que o parente esteve no cerco. 1-2
Jodasilto
- 4.ª — Aqui morreu o animal domestico que comeu o bolo. 1-2
Gimbrinhas
- 5.ª — Outra vez procuro oferecer-te estes sobejos. 1-2
Artur Melo Cabral

CHARADAS AUMENTATIVAS

- 6.ª — A incandescencia sal dum aparelho culinario. 2-2
X-27
- 7.ª — Neste rio da Europa apanhei uma quelmadura. 3
Açoreano
- 8.ª — Vi nesta ave uma lita. 2
Oscar P. B.
- 9.ª — A mão esquerda disparava a arma. 2
Dr. Fu-Manchu

CHARADAS SINCOPADAS

- 10.ª — Nesta cidade portuguesa encontrareis um reptil. 3-2
Boguinhas e Zé Nabica
- 11.ª — Este chá é para minha parenta. 3-2
N. Joyce
- 12.ª — Que singelesa de instrumento musical. 3-2
Roquete
- 13.ª — E' boa discipula esta mulher. 3-2
Detective Amador
- 14.ª O homem é esguio. 3-2
El-Diablo

CHARADAS DUPLAS

- 15.ª — Está pôdre o peixe. 2
Quimané
- 16.ª — Esta é a mulher que cura as feridas. 2
José Hespanha
- 17.ª — Que zanga, nunca mais me veem despachar. 2
Barnabé
- 18.ª — Estas minhas parentas deram-me uma tarefa. 2
Zé Nabica
- 19.ª — E' sempre velhice. 3
Dr. Jekyll and Mr. Hyde
- 20.ª — Enquanto se engata deve-se estar com muita atenção. 3
José Hespanha

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 355 (XIII Série)

- | | | |
|---------------------|---------------------|-----------------|
| 1.ª — Pescada | 7.ª — Tabaco-taco | 13.ª — Anilina |
| 2.ª — Saudade | 8.ª — Pacato-pato | 14.ª — Marrocos |
| 3.ª — Camarão | 9.ª — Quinal | 15.ª — Canapé |
| 4.ª — Domar | 10.ª — Margarida | 16.ª — Diáfano |
| 5.ª — Careca | 11.ª — Canto-cantão | 17.ª — Gebolo |
| 6.ª — Bandido-bando | 12.ª — Ladra-ladrão | 18.ª — A |

ALGUNS CAMPEÕES DO PRIMEIRO CONCURSO



| | | | | | |
|--|---|---|---|--|---|
| IZABEL MARIA Maria Borges Souza Ferreira | EL-MAGRITO José Duarte Machado Morais | UM DE MARME- LETE Orlando Lourenço Cabrita | ZECA José Maria de Oliveira G. Bandeira | BÉ Henrique Borges de Sousa Ferreira | CUÇA E NICO Alexandre Melo de Azevedo |
|--|---|---|---|--|---|

CORRESPONDÊNCIA

PARA OS MENINOS COLORIREM

Armando Gonçalves Rosa — Faro — Recebi o quadrilhão de abraços que retribuo com um comboio carregado de les!...

À primeira vista os teus problemas parecem-me muito bons. Se assim fôr, de facto, vê-los-hás nas colunas do «Pim-Pam-Pum».

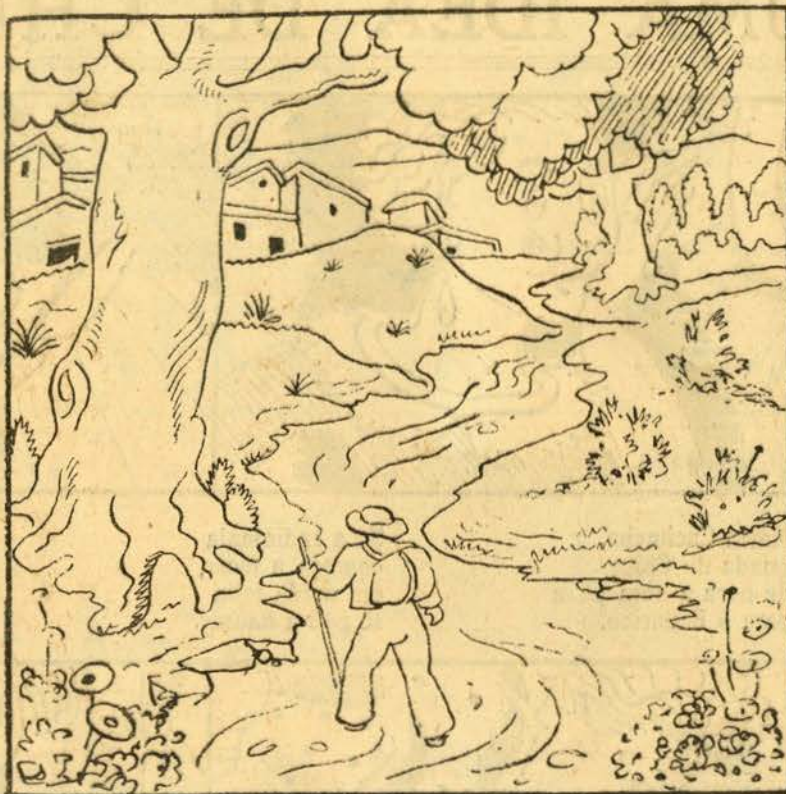
O Zé Pacóvio está a banhos...

Maria Manuela Alcântara Mateus — Mafra — O problema da cera pode parecer piada a trabalhadores incansáveis que eu conheço?...

As histórias, sendo originais e interessantes, como não podem deixar de ser, devem ser enviadas directamente ao director d'êste suplemento. Um beijinho repenicado...

José da Silva Martins — Santarem — Os contos são enviados ao Director d'êste Suplemento.

TIO TÓNIO



Meus meninos: Vejam se descobrem a mulher deste marujo, em quem ele está pensando.

PROBLEMA

| | | |
|---------|---|------|
| 1..... | } | EIRA |
| 2..... | | |
| 3..... | | |
| 4..... | } | IRA |
| 5..... | | |
| 6..... | | |
| 7..... | } | RA |
| 8..... | | |
| 9..... | | |
| 10..... | } | A |
| 12..... | | |
| 13..... | | |

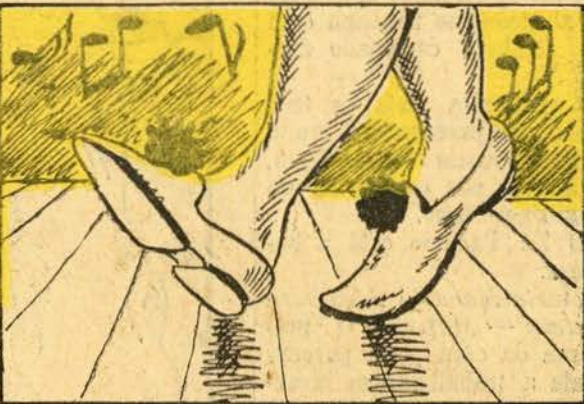
Substituir os números por letras, de modo a formar o sinónimo das seguintes palavras:

- | | |
|-------------------------|-------------------------|
| 1 — Mercado | 7 — Época |
| 2 — Bouça | 8 — Furôr |
| 3 — Márgem | 9 — Interjeição |
| 4 — Ponto de referência | 10 — Batráquio |
| 5 — Símbolo de Poesia | 12 — Nota de música |
| 6 — Peçaço alongado | 13 — Utensílio do campo |

UMA IDÉA DE CHIQUINHO



Maria Cachucha,
criada do Chico,
de hora a hora puxa
para o bailarico.

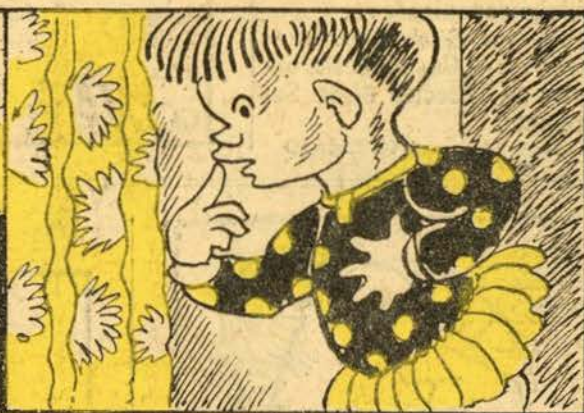


Se a radiofonia
começa a tocar,
em doida folia
se põe a dançar.

Quási mostra as ligas,
quási mostra as calças,
e, ao som das cantigas,
ei-la a bailar valsas!...

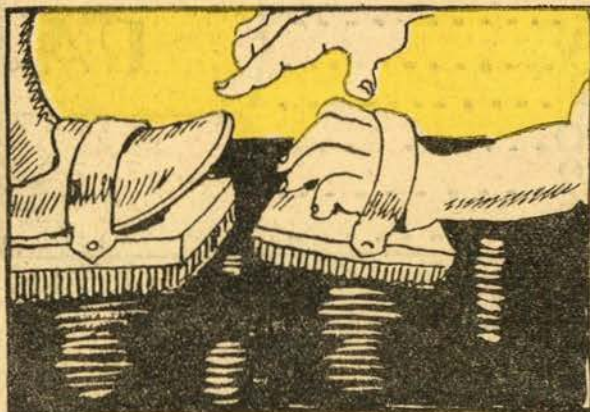


Mas por ver, talvés,
que o chão encerado,
devido a seus pés,
lhe fica estragado,

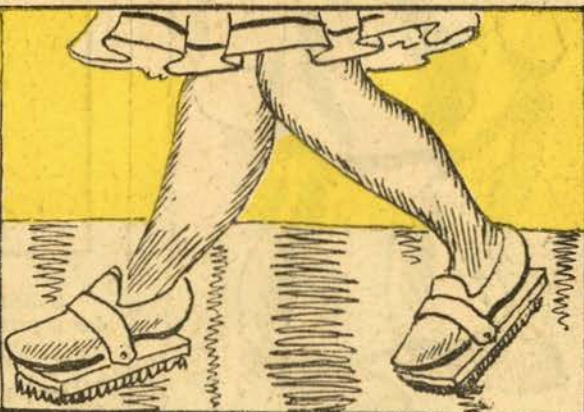


tem de puxar brilho,
de novo, ao soalho;
— que grande sarilho,
— que enorme trabalho!...

Entanto, o Chiquinho
tudo remedeia,
clamando — (o dedinho
no lábio); — uma idéa!



Tu fazes assim,
e assado e cozido,
e verás, por fim,
que é bem divertido.



Cada escova prendes
aos pés, qual patim;
as pernas estendes,
dançando. E assim,

Maria Cachucha,
bastante a seu grado,
vai dançando e puxa
brilho ao encerado.